

PRÊMIO FNLIJ 2013

PRODUÇÃO 2012

Justificativa dos votantes

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL



FNLIJ
DESDE 1968

www.fnlij.com.br

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Prêmio FNLIJ 2013

Produção 2012

Justificativas dos leitores-votantes



FNLIJ

DESDE 1968

GESTÃO FNLIJ 2011-2014

CONSELHO CURADOR: Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Sílvia Negreiros, Suzana Sanson e Wander Soares.

CONSELHO DIRETOR: Ana Lígia Medeiros, Isis Valéria Gomes (Presidente) e Marisa de Almeida Borba.

CONSELHO FISCAL: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva.

SUPLENTE: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto.

CONSELHO CONSULTIVO: Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa e Sílvia Gandelman.

SECRETÁRIA GERAL: Elizabeth D'Angelo Serra.

LEITORES-VOTANTES DO PRÊMIO FNLIJ 2013 – PRODUÇÃO 2012

Alice Áurea Penteado Martha (AAM), CEALE – Grupo de Pesquisa LIJ – UFMG – Responsável: Carlos Augusto Novais (GPELL - CEALE), Celina Dutra da Fonseca Rondon (CDFR), Eliane Debus (ED), Elizabeth D'Angelo Serra, Fabíola Ribeiro Farias (FRF), Gláucia Maria Mollo (GMM), Iraídes Maria Pereira Coelho (IMPC), Isabel Maria de Carvalho Vieira (IMCV), Isis Valéria Gomes (IVG), João Luis Cardoso Tâpias Ceccantini (JLC), Laura Sandroni (LS), Leonor Werneck dos Santos (LWS), Luiz Percival Leme Britto (LPLB), Maria das Graças M. Castro (MGMC), Maria Neila Geaquinto (MNG), Maria Teresa Gonçalves Pereira (MTGP), Maria Tereza Bom-Fim Pereira (MTBP), Marisa Borba (MB), Neide Medeiros Santos (NMS), PROALE – Programa de Alfabetização e Leitura - UFF – Responsável: Cecília Maria Goulart (PROALE), Rosa Maria Ferreira Lima (RFL), Sueli de Souza Cagneti (SSC), Tânia Piacentini (TP) e Vera Teixeira de Aguiar (VTA).

APRESENTAÇÃO

Há 39 anos a FNLIJ realiza a Seleção Anual do Prêmio FNLIJ agraciando obras de literatura direcionadas às crianças e aos jovens e livros teóricos sobre LIJ. A primeira obra a ser contemplada foi o livro *O rei de quase tudo*, de Eliardo França, na categoria criança, em 1974. Atualmente são 18 categorias. Os livros analisados foram enviados pelas editoras à FNLIJ e publicados no ano vigente do prêmio. Este ano, foram recebidos 1.349 títulos, inscritos na 39ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012. Uma das novidades dessa edição foram as reedições de autores nacionais, consagrados, como Cecília Meireles e Orígenes Lessa e a outra novidade foi o aumento da produção de livros teóricos sobre literatura infantil e juvenil e de traduções/adaptações para crianças.

A FNLIJ apresenta nesta publicação as justificativas dos leitores-votantes para a 39ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, por categoria, para os livros vencedores da láurea outorgada pela instituição desde 1974, como os melhores livros de literatura infantil e juvenil produzidos no país. Foram premiados 19 livros, em 18 categorias, contemplando 14 editoras.

Estimamos, com esta pequena publicação, além de divulgar os livros vencedores do Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012 -, contribuir para o trabalho de profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores.

A versão digital desta publicação se encontra no site: www.fnlij.org.br



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA A CRIANÇA

Visita à baleia

Paulo Venturelli. Il. Nelson Cruz. Positivo

Visita à baleia é um elogio à fantasia, à íntima resistência de cada um, em um mundo que, muitas vezes, nos obriga a um real maior que o suportável. O livro conta a história de um pai e seus dois filhos indo ver uma baleia, a atração do momento em uma cidade do interior, com todos os preparativos que a ocasião exige: roupa domingueira, pés lavados, ingressos comprados, a fila e, naturalmente, a curiosidade de saber como é que uma baleia havia chegado a uma cidade sem mar. Paulo Venturelli nos oferece um texto envolvente, com humor e poesia em boa medida. Nelson Cruz, com seu olhar delicado, amplia o convite com suas belas ilustrações que sugerem cumplicidade imediata entre o menino e a inusitada visitante. **FRF**

O narrador-protagonista de *Visita à baleia* mostra como um acontecimento aparentemente prosaico pode revelar-se surreal e, conseqüentemente, extraordinário. O corriqueiro cotidiano de um pai e seus filhos, que se torna imprevisível e imponderável, revela-se de modo encantador. A narrativa de Paulo Venturelli, que alterna coloquialismo e poesia, e as ilustrações de Nelson Cruz, em tons predominantemente escuros e ângulos incomuns, que provocam estranheza no leitor, inserindo-o em uma atmosfera transcendente do real.

Todos os elementos gráfico-editoriais da publicação apresentam-se irrepreensíveis. Por todas essas razões, a obra é merecedora do prêmio dessa categoria. **PROALE**

A narrativa viva e dinâmica, na voz de uma criança (ainda que apresentada como memória), tem o forte humor e a fina ironia do modo de ser do adulto. A ilustração é intensa, com muita presença, acrescentado tensão ao texto. **LPLB**

História cheia de fantasia e humor que desperta a atenção de todos. Havia uma baleia na praça no meio da cidade de Brusque, interior de Santa Catarina. Todos da cidade queriam descobrir o mistério que envolvia o fato. O autor focaliza o menino Cesar, seu irmão menor e o pai na aventura que cercou essa visita à baleia. Desperta a curiosidade e imaginação de todos: Ver uma baleia na praça? Como? De que tamanho? Como tão longe do mar? Todos da cidade se mobilizam para esse encontro inusitado, "a visita à baleia".

A narrativa ganha muita força e beleza com as ilustrações de Nelson Cruz. Elas revelam ângulos novos com destaque para a figura humana tão rica em

expressões. Nas páginas 16 e 17, o pai com os filhos na bicicleta; 24 e 25, a grande fila para a visita e na página 47, pai e filhos na saída da visita. Edição bem cuidada em papel couchê fosco. Bonito projeto gráfico enriquecido com capa e ilustrações de Nelson Cruz. **CDFR**

A narrativa de Paulo Venturelli flui como uma conversa ao pé de ouvido, uma conversa em volta da fogueira, a partir de um início direto:

Eu acabava de botar ponto final nos deveres da escola, quando meu pai me chegou com a notícia que eletrizou a família:

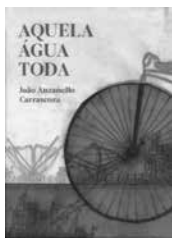
-Pessoal, tem uma baleia lá no centro da cidade.

O menino-narrador, levado pelo pai junto com o irmão, vai visitar a baleia. Descreve experiências e emoções diferenciadas: expectativa, ansiedade, desejos (de comer sorvete, de não vestir a roupa de domingo), a espera pelo depois, os medos. Sua imaginação é torturante. Baleia morta e decepção são gigantescas. Essa vida vivida é transformada pela escrita, pela redação que a professora manda fazer no dia seguinte. Seu tema: Árvore frutífera.

A escrita oferece ao narrador a vida sonhada e faz daquela tarde a mais feliz de sua vida, com direito ao primeiro cafuné do pai, depois de crescido.

Visita à baleia é uma história narrada de duas formas, com estilos diferentes, visões de mundo diferentes, (quase) ausência de ilustrações ao final, contrastando com as outras, grandes e fortes.

Visita à baleia resulta da parceria bem afinada entre o texto de Paulo Venturelli e as ilustrações de Nelson Cruz, sendo assim merecedor do Prêmio FNLIJ - O Melhor Livro para Criança. **MB**



PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA
O MELHOR LIVRO PARA O JOVEM

Aquela água toda.

João Anzanello Carrascoza. Il. Leya Mira Brander.
Cosac Naify

Livro de contos, *Aquela água toda*, de João Anzanello Carrascoza, traz onze narrativas curtas que conduzem os leitores, de modo simples e delicado, à reflexão sobre o cotidiano. Embora constituída por histórias independentes, com personagens e temas diferentes, a obra possui unidade, observada pela alteração da faixa etária das criaturas ficcionais e pela natural alteração e aprofundamento das questões discutidas: o menino do primeiro conto pode ser o homem do último. Quanto ao projeto gráfico, destaque para as ilustrações de Leya Mira

Brander para *Aquela água toda*, de João Anzanello Carrascoza; delicadas imagens em papel vegetal captam toda a leveza e fluidez do texto verbal. Na capa, sobrecapa e miolo, pessoas, objetos, animais e insetos, em preto e rosa, concedem força e beleza aos episódios narrados! **AAM**

A beleza da capa desse livro já anuncia que estamos diante de uma obra delicada e comovente. São onze contos sobre situações cotidianas comuns, pelas quais qualquer pessoa pode passar, mas que nos deixam com respiração suspensa e olhar perdido no tempo, como se nos assustássemos com a semelhança entre o que outrora vivemos ou presenciamos e o que agora lemos. Da criança sonhadora que quase se perde dos pais ao primeiro beijo, passando pela morte de um ente querido, constatamos que “O segredo está nas palavras” - como lembra Tia Alda, uma das personagens.

Quanto ao projeto gráfico-editorial, o livro é de uma beleza ímpar. Ilustrações feitas em papel vegetal parecem sobrepostas, sobrepondo-se também às histórias. O traço delicado, com predomínio de cores em tons de cinza e vermelho, demonstra uma interação entre texto e imagem que foge do óbvio, do previsível. E a capa, numa conversa com o miolo do livro, reitera a leveza da água que, embora encantadora, consegue nos perturbar e levar por caminhos impensados. **LWS**

O livro apresenta um primoroso projeto gráfico com as delicadas ilustrações de Leya Mira Brander. São onze contos que abordam a vida cotidiana de maneira simples, mas não simplista. É possível observar e identificar subjetividades comuns a todos nós em sua obra. Os sentimentos descritos com leveza e poesia são atemporais. A família, o tema central do texto, tem a estrutura tradicional que demonstra as tensões típicas, bem como o amor que os permeia. A linguagem é sofisticada, mas passa de forma leve sua mensagem. **IMCV**

Um livro de contos gentis e sensíveis que provocam emoções delicadas e extremamente humanas. Um estilo de contar muito agradável que combina concisão com agilidade. **LPLB**

A obra reúne onze contos que narram situações da vida cotidiana de uma forma delicada e profunda. As onze histórias reúnem relatos de primeiras experiências ou vivências marcantes – o primeiro amor, a primeira decepção com um amigo, o encontro com o mar, a mudança de casa. Os temas envolvem a delicada e conturbada convivência entre pais, mães, filhos, suas descobertas, fraquezas, tristezas e surpresas e, certamente, agradecerá aos jovens. Escrita por um dos escritores mais talentosos da literatura brasileira contemporânea, João Anzanello Carrascoza, percebe-se nos contos o seu estilo e sua conhecida prosa poética. Em *Aquela água toda*,

o autor faz uma bonita celebração da vida ao transformar situações cotidianas e banais em acontecimentos memoráveis e profundos. A ilustradora, Leya Mira Brander, estreia na ficção criando imagens-síntese de cada conto, impressas em papel vegetal, cujo efeito é bem agradável aos olhos. A inovação revela um cuidado com o conjunto gráfico-editorial da obra, que já traz a capa nessa composição. É possível afirmar que a obra analisada revela traços da relação humana por trás da vida das personagens de cada conto, de uma forma singela e sutil. **GPELL-CEALE**



PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM
O MELHOR LIVRO DE IMAGEM

O jornal.
Patrícia Auerbach. Brinque-Book

Por que meu pai não larga o jornal?

O que ele tem de tão especial?

Eis a proposta desse livro de imagens que através de dobraduras transforma uma folha de papel em divertidas aventuras. A criança brinca de construir um simples chapéu que vai se desdobrando em um barco de pirata, uma prancha, um avião, e assim por diante. Dessa forma, ela participa também do jornal! Usando apenas o vermelho e o preto sobre fundo branco, em formato de álbum, a autora cativa o leitor. **CDFR**

O livro de imagem *O Jornal*, de Patrícia Auerbach, vai nos mostrar a história de um menino que quer a atenção de seu pai enquanto este está lendo o jornal. O menino, que, a propósito é ilustrado de forma linda e delicada, se aproxima do pai e, como não consegue sua atenção, pega para si uma parte do jornal que está sobre a mesinha ao lado. Ele começa a ler também, mas logo se entedia, até ter a ideia de ler o jornal com outro olhar: o seu, de criança. Ele vive situações incríveis com sua leitura do jornal, e o pai nem percebe a quantidade de perigos que o menino experimentou nesse tempo, mesmo sem sair de seu lado. Ou será que o pai percebeu?

As ilustrações são lindas, delicadas e leves, utilizando na maioria das páginas as cores: branco, preto, cinza e vermelho. Junto com o projeto gráfico impecável, incentiva a criatividade e agrada os olhos e a vida dos leitores. **GMM**

As imagens contam a história do estranhamento que sente um menino diante do interesse de seu pai pelo jornal diário. Sorrateiramente, o menino pega um dos cadernos do jornal que o pai está lendo e olha entediado para o papel.

Os intertextos contidos no jornal complementam as imagens, e a narrativa se desenvolve mostrando que a imaginação do menino vai construindo aventuras à medida que ele vai “lendo” o jornal. A história termina na contracapa, com o texto: POR QUE MEU PAI NÃO LARGA O JORNAL? O QUE ELE TEM DE TÃO ESPECIAL? ACHO QUE ENCONTREI A RESPOSTA!

O estilo *cartoon* do autor confere dinamismo às imagens, ao gosto de crianças e adultos. O livro traduz muito bem a importância da leitura e da informação. **TP**

A alegria de brincar e inventar o sonho. Quem não se lembra das brincadeiras com as folhas de jornal: dobrar, dobrar e fazer um chapéu de soldado, barquinhos e colocar na água, ou aviões projetados para o ar. As coisas simples que sempre fizeram a alegria da infância, um abra-te sésamo para o mundo da fantasia onde é possível navegar por mares de sonhos e ser um rei soldado, um capitão bambalalão. Uma história sem palavras cheia de encanto e beleza nas peripécias das coisas boas e feita com as próprias mãos. Brincadeiras eternas e para qualquer idade em imagens que alegrem o coração. **IVG**

Como os hábitos dos adultos são vistos pelas crianças? Em geral, ninguém está atento a isso. Mas nesse livro de Patrícia Auerbach, podemos observar como o garoto interpreta o comportamento do pai. Ele lê o jornal a seu modo, criando as próprias manchetes de acordo com as aventuras em sua mente. *O jornal*, interessante obra, cuja narrativa passa pelas imagens, mostra como a imaginação pode não ter limites e mudar a realidade diante dos olhos da mente. Com ilustrações em cores simples, traços fortes e um projeto gráfico bem elaborado, o livro merece o prêmio da categoria Melhor de Livro de Imagem. **RFL**



PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN
O MELHOR LIVRO INFORMATIVO

Labirintos: parques nacionais.
Nurit Bensusan. Il. Guazzelli. Peirópolis

O livro, *Labirintos: parques nacionais*, de Nurit Bensusan, associa informações sobre os doze parques nacionais ao ludismo e humor de forma inovadora. São labirintos de ilhas do Parque Nacional de Abrolhos ou o labirinto natural de Anavilhanas pela dificuldade de navegação no período de seca ou de chuvas.

O leitor será informado sobre curiosidades de Fernando de Noronha, que não tem água potável, ou sobre o Parque Nacional de Brasília com muita água brotando do chão. Informações sobre cânions de até 900 metros de Aparados da Serra ou ainda sobre as pinturas rupestres da Serra da Capivara vão encantar o leitor.

Viajar nessa leitura até o Parque Nacional do Iguaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina, com suas 275 quedas ou até o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses poderá suscitar outras viagens. O Pantanal, maior planície alagada do mundo, com grande variedade de animais silvestres (264 espécies de peixes) ou o Parque Grande Sertão Veredas, entre Bahia e Minas Gerais, são outras paisagens que a autora apresenta ao leitor com um tom leve e coloquial, sem didatismo. O Parque Nacional da Tijuca, onde está a maior floresta urbana do mundo, ou o Parque Nacional do Pico da Neblina situado nas terras dos indígenas Yanomami, que abriga o pico mais alto do Brasil e também 22 povos indígenas diferentes, não foram esquecidos.

As ilustrações de Guazzelli, que trabalha com múltiplas linguagens como cinema, cartuns, quadrinhos e ilustrações de livros, conferem a *Labirintos: parques nacionais* um tom alegre, provocante. Um desenho, em página dupla completa o texto sobre cada parque. São labirintos por onde o leitor se perde e se acha, inebriando-se...

Conhecer um pouco sobre cada parque nacional, apresentado pelo olhar de alguém que trabalha e estuda a conservação da natureza, é, de fato, um prazer para os leitores de qualquer idade. **MB**

Em um livro de grandes proporções (24 x 33 cm), muito afinadas com a natureza de seu próprio objeto – os grandes parques brasileiros que procuram conservar belas paisagens naturais para as gerações futuras –, o leitor tem acesso a informações muito significativas sobre o tema em pauta, vazadas em uma linguagem objetiva e fluente. Além da clareza, da relevância e da qualidade dos dados veiculados sobre os parques nacionais, destaca-se de forma muito positiva o projeto gráfico da obra, que explora com extrema plasticidade a metáfora dos *labirintos*, associada pelo texto verbal aos parques. Como diz a introdução: “O desafio continua sendo conservar a *diversidade* biológica do país sem causar mais exclusão social e sem prejudicar as comunidades locais. Isso sim é um tremendo *labirinto*...” Para cada um dos doze parques abordados, o ilustrador constrói um tipo específico de labirinto que se espraia em grande variedade de formas, cores, espécimes vegetais e animais, bem como em produtos da cultura humana, em um conjunto que enche os olhos do leitor e semeia ideias a mancheias. **JLC**

PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN
O MELHOR LIVRO INFORMATIVO



Bibliotecas do mundo

Daniela Chindler. Il. Mariana Massarani, Bruna Assis Brasil, Andrés Sandoval, Elma, Mario Bag, Juliana Bollini e Ciça Fittipaldi. Casa da Palavra

Bibliotecas do mundo apresenta ao leitor sete bibliotecas de diferentes tempos e lugares, provocando-lhe a reflexão sobre esses espaços culturais e educativos que reúnem o saber e o conhecimento humano a ser compartilhado.

Daniela Chindler faz isso de modo original e criativo ao empregar a seguinte estratégia narrativa: todos os textos têm narradores-protagonistas, alguns mais, outros menos inusitados. Em “Biblioteca de Alexandria”, Hipátia, personalidade histórica que frequentava essa biblioteca, é a narradora em primeira pessoa. Em “Biblioteca Nacional”, é o imigrante português José Joaquim. Em “Biblioteca Internacional da Juventude”, é o sapo que habita as páginas do livro *Os mais belos contos de fadas dos Irmãos Grimm*. Em “Biblioteca de Basra”, é a bibliotecária iraquiana Alia Muhammad Baker, que salvou grande parte do acervo dessa biblioteca da destruição causada pela Guerra do Iraque. Em “Biblioteca do Mindlin”, é um livro raro – a primeira edição de *O Guarany*, de José de Alencar. Em “Biblioburro”, são os dois burricos colombianos Alfa e Beto, carregadores dessa biblioteca andante. Em “Biblioteca-Parque da Rocinha”, é Stephanie, uma menina moradora da Rocinha, frequentadora da Biblioteca-Parque.

O humor é um dos principais recursos utilizados pela autora na composição de um texto leve e de agradável leitura. Chindler conta com a parceria de sete diferentes ilustradores – Mariana Massarani, Bruna Assis Brasil, Andrés Sandoval, Elma, Mario Bag, Juliana Bollini, Ciça Fittipaldi, que estabelecem um competente diálogo com o texto verbal.

O projeto gráfico é muito bem elaborado em todos os seus aspectos – qualidade do papel, impressão, encadernação, entre outros – que enriquecem sobremaneira a obra. Por tudo isso, *Bibliotecas do mundo* merece o prêmio da categoria Informativo. **PROALE**

Obra fundamental e de inestimável valor histórico, cultural e social por destacar e difundir junto ao público infantojuvenil espaços e modos diversos de produção,

organização e disseminação da leitura e do conhecimento. Isso acontece desde a Antiguidade, com a clássica Biblioteca de Alexandria, até os dias atuais, com a moderna Biblioteca-Parque da Rocinha localizada na cidade do Rio de Janeiro. O livro apresenta sete “bibliotecas muito diferentes, de épocas e lugares distintos, mas com algo em comum: a capacidade de ampliar, com seus livros, o mundo de cada leitor que passar por elas”. **MNG**

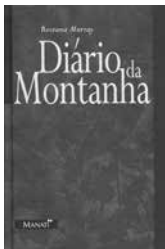
Esse livro conta a história de sete bibliotecas que se espalham pelo mundo. A Biblioteca de Alexandria, a mais famosa da Antiguidade; a Biblioteca Nacional, a mais antiga do Brasil; a Biblioteca de Basra, situada no Iraque; a Biblioteca de Mindlin, uma grande biblioteca individual, hoje incorporada à USP; a Biblioburro, uma biblioteca andante na Colômbia conduzida por dois burros; a Biblioteca Internacional da Juventude, situada em Munique, na Alemanha, e idealizada por Jella Lepman e a Biblioteca da Rocinha, que fica no bairro da Rocinha no Rio de Janeiro.

Cada biblioteca tem uma história bonita que envolve muitas pessoas engajadas na difusão do livro e da leitura. Ressaltamos alguns desses aspectos: a Biblioteca de Alexandria no antigo Egito foi a mais famosa e era frequentada por Cleópatra; no Brasil, a Biblioteca Nacional veio depois da chegada de D. João VI ao Brasil e guarda relíquias da nossa história; a Biblioteca Basra fica no Iraque, foi incendiada várias vezes, mas resistiu graças ao empenho daqueles que gostam de preservar os livros; José Mindlin foi um brasileiro amante dos livros, principalmente dos antigos, formou uma grande biblioteca e antes de morrer doou sua imensa coleção à Universidade de São Paulo, hoje existe um prédio especial que abriga a enorme coleção desse amante dos livros, e tudo isso está à disposição dos estudantes e das pessoas que gostam de ler e pesquisar; interessante é o trabalho feito pelo professor Luís Soriano, ele percorre as terras colombianas levando livros para empréstimo às crianças e jovens em dois burricos; nesse universo de livros, não poderia faltar a Biblioteca de Munique, idealizada por Jella Lepman, toda dedicada aos livros para a juventude. É a maior biblioteca desse gênero e fica situada em um antigo palácio. Para abrigar tantos livros, só mesmo um palácio! Por último, vem a Biblioteca da Rocinha que presta um serviço inestimável aos moradores desse bairro periférico do Rio de Janeiro. O que antes era uma favela tornou-se mais humanizada com a presença dessa biblioteca e das atividades desenvolvidas com o objetivo de integrar os moradores à sociedade. Para ilustrar toda essas bonitas histórias das bibliotecas, sete ilustradores, cada um com seu traço peculiar, deram mais beleza a este livro. Chamamos a atenção para a ilustração de Mário Bag (Biblioteca de Mindlin), o senhor Mindlin carrega, em um carrinho de bebê, o livro “O Guarany”, edição rara de 1857. Colagens,

aquarela, tintas coloridas e pincéis deram um toque de alegria a essa bonita história que envolve bibliotecas e muitos, muitos livros. **NMS**

Esse livro, sobre as bibliotecas do mundo, parte da mais antiga e mais longínqua, a Biblioteca de Alexandria, até a mais próxima no tempo e no espaço, a Biblioteca da Rocinha. Associa informação cultural e experiência cotidiana, trazendo o tema para a realidade da criança em linguagem clara, coloquial e acessível, aliada ao projeto gráfico-editorial de alta qualidade. As ilustrações, a disposição lúdica e didática da matéria, a textura da capa; enfim, todos os recursos compositivos contribuem para a prazerosa leitura da obra. **VTA**

O tema não é original, mas a maneira de abordá-lo é. Daniela Chindler seleciona sete bibliotecas, segundo um critério pessoal que atende com perfeição o propósito de falar de livros reunidos diferentemente no tempo e no espaço. Resolve várias demandas. Escreve sobre pessoas e lugares que têm como denominador comum a vontade de extrapolar os limites das vidas e ganhar o mundo no enriquecimento, o que só o livro permite. A escolha é bastante plausível para tentar abarcar o conhecimento humano em todas as suas dimensões e possibilidades. A ideia de escolher para cada uma das bibliotecas ilustrações diferentes destaca suas singularidades. O texto é ágil, mas consistente. Não há concessões à obviedade e ao simplismo, mesmo quando o assunto requer mais detalhamentos. A autora consegue verdadeiramente alcançar uma leitura de saber e de prazer. **MTGP**



PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA FILHO
O MELHOR LIVRO DE POESIA

Diário da montanha
Roseana Murray. Manati

Roseana Murray reafirma nesse belo *Diário da montanha* o amadurecimento poético que se evidencia em cada nova obra desde sua estreia com *Fardo de Carinho*. Sem preocupação com a rima tradicional, ela usa linguagem coloquial em que o ritmo e a originalidade das metáforas prevalecem. O primeiro verso do poema *Raiz* dá o tom telúrico do livro: “Começo pela raiz, pelo cheiro da terra que me impregna quando me perco de mim.”

Há longo tempo residente fora dos centros urbanos, Roseana se sente feliz e inspira-se em tudo que a cerca: flores, pássaros, árvores, tempestades ou arco-íris.

Na tranquilidade da vida rural e ao lado “do homem que me ajudaria a transformar palavras em pássaros e a desfazer abismos e teias”, ela vive e escreve sua poesia bela e sensível, plena de lirismo e delicadeza.

Em edição caprichada da Manati, *Diário da montanha* é apresentado por Bia Hetzel e, sem dúvida, é o Melhor Livro de Poesia do ano que passou. **LS**

Diário da montanha é uma experiência de delicadeza e intimidade com as palavras. Roseana Murray oferece aos leitores um olhar denso, mas ao mesmo tempo fluido, sobre a natureza e a existência. A edição é bonita e muito bem cuidada. **FRF**

Os poemas de Roseana Murray são sempre gentis; nesse livro, de matéria autobiográfica, somos convidados a sentir a doçura do recolhimento montanhês da poetisa. **LPLB**

Ao longo das últimas décadas, os poemas de Roseana Murray encantam leitores de todas as idades em publicações para crianças e jovens. *Diário da montanha* mantém o mesmo encanto. Trata-se de um “diário”, o registro de momentos vividos e sonhados no silêncio da solitude de uma casa de montanha, onde os segredos da vida e da natureza se abrem para a poeta e leitores, em forma de versos livres que prescindem de ilustrações, mas nem por isso deixam de provocar imagens, sons e cores a quem os lê. O projeto gráfico sugere as características físicas do gênero textual apontado no título: capa dura, cores sóbrias, sem frieza, registros poéticos datados, respeitando uma lógica temporal. Abrindo e fechando as folhas internas do livro estão páginas que sugerem imagens de folhas de uma árvore que vão permanentemente brotar. Sem dúvida, um convite ao jovem leitor a entrar no mundo silencioso onde a poesia descansa e alcança sensibilidade plena de significados. **MNG**

Assuntos simples (borboletas, maritacas), temas que explodem em emoções, alegrias, dores, saudade. O nascimento de filhos ou o ato de cozinhar para quem se ama transforma-se em lirismo, em puro deleite poético para o leitor. A elegância e a sobriedade da produção gráfica guardam e complementam a exuberância/singeleza dos poemas de Roseana Murray. **MB**

O nome de Roseana Murray está incluído pela reconhecida excelência no panteão da poesia (infantojuvenil) brasileira. Suas obras mostram sempre rara sensibilidade no trato com as palavras, potencializando-as com seu estilo peculiar. Em *Diário da montanha* ocorre o mesmo. Os poemas falam das coisas do mundo, que Roseana percebe pela ótica da emoção inata que perpassa o seu fazer

poético. Palavras simples, mas caracterizadas pela magia que os seres, as coisas e o mundo só deixam entrever àqueles verdadeiramente dotados de sensibilidade. Temas diversos são matéria de poesia nesse livro que nos remete a um lugar que o leitor desvenda e adentra, nutrindo-se da seiva da vida que a arte instaura. **MTGP**



PRÊMIO FNLIJ GIANNI RODARI
O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO

Kokeshis

Corinne Demuynck. Salamandra.

Kokeshis é uma caixinha de surpresas que encanta e diverte. No formato das famosas bonecas japonesas, a caixa é recheada de bonecas menores e é cuidadosamente elaborada para ficar de pé: uma Kokeshi sorridente e colorida que, em si, já é linda. Ao abrir, vemos as Kokeshis internas, cada uma com vestuário especial, e somos apresentados a um pouco da cultura japonesa: uma boneca-enfeite, uma que é um caderno de desenhos (para aprender a desenhar Kokeshis), outra que é um livro de origamis e outra que inclui adesivos e um conto japonês. Enfim, esse é um lindo material que mistura ludismo e cultura oriental. **LWS**

Esse livro-brinquedo é constituído por uma caixa grande, cartonada, na forma das famosas bonecas Kokeshis e, dentro da caixa, a criança encontrará uma pequena boneca com fita para ser pendurada; um caderno para aprender a desenhar as Kokeshis; 50 folhas para origami com um livrinho de modelos e um livro com um conto japonês “O Segredo de Mitsuko,” acompanhado de 70 adesivos relacionados ao conto e aspectos característicos da cultura japonesa: lanternas, flores, comidas, bules e canecas de chá. A história é muito bonita e bem escrita e o projeto gráfico encherá os olhos das crianças. **IMCV**

A divulgação da cultura japonesa está cada vez mais presente na literatura infantil brasileira. Depois de *Quimonos* e *Yummi*, da autora Annelore Parot, traduzidos por Eduardo Brandão, publicados pela Companhia das Letrinhas e distinguidos pela premiação da FNLIJ em 2011, nos chega em 2012, pela Salamandra, esse rico material do folclore japonês, *Kokeshis*, a boneca japonesa que encanta a todos. Pelas características da categoria Livro-brinquedo, *Kokeshis*, além de um belo projeto editorial, apresenta recursos interativos lúdicos e delicados. Uma caixa, no formato de uma boneca japonesa, guarda uma linda história de amor entre Kintaro e Mitsuko, personagens da literatura oriental, recontado por Brigitte

Delpech e ilustrado por Corinne Demuynck. Também guarda todo o material necessário para a criança criar a partir do livro. São origamis, cadernos de anotações, orientações para a criança desenhar e colorir, adesivos, móveis; tudo ilustrado, em cores, nos seus detalhes e pormenores. Um trabalho de encantamento, decorativo e divertido para crianças. **IMPC**

A boneca japonesa Kokeshis dá forma à caixa recheada de surpresas que vão encantar as crianças: quatro bonequinhas de tamanhos diferentes; um livro de conto japonês – O segredo de Mitsuko; setenta adesivos, um manual contendo trinta folhas para fazer dobraduras (origami), um caderno para desenhar as Kokeshis (seguindo os modelos) e uma kokeshi em forma de móbile para pendurar. Esse livro vai encantar as meninas, principalmente, as que já dominam a leitura da palavra. Assim poderão conhecer a história de Mitsuko e seu segredo. **MTBP**

Trata-se de um conjunto variado, em caixa de papel cartão, contendo um livro com um conto japonês, adesivos, material para criar origamis, livrinho com modelos, caderno para desenhar e uma bonequinha. Propõe a participação do leitor, que deve descobrir como utilizar o que lhe é oferecido, desdobrando, assim, os sentidos possíveis. Tem-se, pois, a aliança entre o brinquedo e o sentido, segundo as possibilidades de compreensão da criança. **VTA**



PRÊMIO FNLIJ LUCIA BENEDETTI
O MELHOR LIVRO DE TEATRO

Viva o Zé Pereira
Karen Acioly. Rocco

Viva o Zé Pereira, de Karen Acioly, é um musical composto por uma série de marchinhas, um *pot-pourri* de sucessos que encantaram e continuam encantando gerações em todos os carnavais: *Pastorinhas*, *Linda morena*, *Máscara negra*, *Cidade maravilhosa*, entre outras. As personagens, figuras conhecidas, criaturas reais e fictícias do cenário político e musical brasileiro, como Dom Pedro II, Chiquinha Gonzaga, Tia Ciata, Donga e Chefe de Polícia. Zé Pereira, o português que trouxe os festejos carnavalescos para o Brasil, anima a folia com o som de bumbos, zabumbas e tambores em texto de construção simples e de fácil encenação, capaz de incentivar o gosto pela dramaturgia nos leitores. Pequenos

textos introduzem personagens, trazem sugestões sobre o cenário, figurinos, e apresentam o rol de músicas do espetáculo. Com 16 cenas (contando Prólogo e Cena final), a obra contém ainda o Posfácio e a Nota da autora, paratextos que contribuem para a compreensão da importância da peça no cenário do teatro para crianças e jovens. O projeto gráfico, com imagem divertida e colorida na capa em papel cartão, impressão do miolo em papel de qualidade e fotos do espetáculo nos paratextos, valoriza o texto. **AAM**

Um musical que conta a história do surgimento do carnaval, pelo bumbo de Zé Pereira, em 1850, nas ruas do Rio de Janeiro imperial. A autora conta essa história com uma seleção de marchinhas tradicionais de nosso carnaval e uma série de personagens como Chiquinha Gonzaga, Chiquita Bacana, D. Pedro II e muitas cabrochas. **MGMC**

Como texto dramático, o livro *Viva o Zé Pereira* de Karen Acioly cumpre magistralmente o seu papel ao apresentar ao leitor, possível interessado em representar o espetáculo, todas as personagens e suas características, contextualizando as relações entre si, bem como a estrutura do cenário, possibilidades de figurino e o rol de músicas que comporão o espetáculo. Afinal, a história datada de 1850 gira em torno da criação dos primeiros blocos carnavalescos e das tradições que envolviam a festa em seu nascedouro. Um texto ágil, brincante e convidativo. **ED**

A autora da peça, que também é diretora teatral, já conta com dramaturgia substantiva e bastante premiada. A peça é ambicioso musical brasileiro voltado para crianças, cuja temática é o carnaval e sua história, das origens aos tempos mais recentes. Pode-se dizer também que a estrutura da peça é intensamente carnavalizada, mesclando de forma arrojada gêneros, personagens, épocas, espaços, fantasias e situações históricas. A trama dinâmica e cômica da peça, aliada às informações claras sobre as personagens; os cenários, figurinos, músicas e as fartas e precisas rubricas teatrais (didascália) e paratextos ao final do livro, sobre a autora e a primeira temporada da peça no Rio de Janeiro em 1998/1999, conferem à obra excelente padrão de qualidade e são um convite efusivo à encenação. **JLC**

Karen Acioly, já consagrada pelo talento em escrever peças teatrais, utiliza agora a personagem do português Zé Pereira para deflagrar uma história musical para a celebração do carnaval, evento tão caro ao povo brasileiro. Traz uma contribuição do folclore português para o Brasil, muito popular nos festejos de antigamente. A música é o elemento catalisador, misturando Chiquinha Gonzaga, Donga e Dom Pedro II, ícones da nossa história cultural, confraternizando em

uma grande festa. A leitura flui, já que a autora constrói sua narrativa objetivando a educação musical do leitor, apresentando-lhe uma tradição de sua história com a excelência que lhe é peculiar. **MTGP**



PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELES
O MELHOR LIVRO TEÓRICO

Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis

Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. Cosac Naify

Oportunidade rara: um livro que reúne doze escritores e ilustradores brasileiros contemporâneos, em entrevistas que nos permitem acompanhar e entender melhor seus processos criativos, tanto em relação ao texto quanto em relação às ilustrações em suas obras. O projeto gráfico valoriza a obra. **IMCV**

Traço e Prosa é título mais que perfeito para o livro organizado por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. O livro traz uma série de entrevistas que foram realizadas de forma bastante informal com doze ilustradores brasileiros: Eliardo França, Rui de Oliveira, Eva Furnari, Alcy Linhares, Ricardo Azevedo, Helena Alexandrino, Nelson Cruz, Marilda Castanha, Graça Lima, Mariana Massarani, Roger Mello e Angela Lago. O livro mostra também algumas ilustrações (em tamanho grande) de cada ilustrador e os livros em que elas foram publicadas, oferecendo ainda uma pequena biografia dos entrevistados ao final do volume.

Os ilustradores foram escolhidos levando em conta os diferentes estilos de desenho, o que mostra a grande diversidade de imagem que temos na literatura infantil brasileira. Outro critério foi selecionar ilustradores de apenas três Estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, pois concentram o maior número de editoras.

A “prosa” com os ilustradores é muito interessante. O texto é escrito de forma simples e de fácil entendimento para qualquer leitor, criando um panorama do trabalho de ilustração brasileiro. Descobrimos informações sobre os ilustradores, suas técnicas, seus trabalhos e os seus crescimentos. O texto permite que o leitor também participe da conversa, dada a forma despretensiosa e agradável como foi conduzida.

As ilustrações não precisam de adjetivos e o projeto gráfico é de primeira classe. O livro é para ser lido por todos que apreciam a literatura infantil brasileira. **GMM**

A obra *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis*, de Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu, traz em seu bojo as vozes de doze ilustradores de renome nacional e internacional. A construção da obra se dá por meio de entrevistas, no decorrer das quais os ilustradores explicam seu fazer artístico, de forma a se apresentar um panorama histórico da arte de ilustrar, especificamente no que se refere ao objeto livro infantil. O conceito de livro ilustrado, tão caro às leituras, vai sendo posto em discussão, bem como o conceito de arte. Entre biografias, depoimentos e ilustrações, o leitor tem acesso a reflexões sobre o fazer artístico, impregnadas de emoção e beleza.

Trata-se, assim, de um projeto editorial arrojado, tendo em vista que se misturam depoimentos, considerações teóricas, imagens, todas em diálogo. Ainda é valiosa a relação entre a consistência interna da obra e sua materialidade, haja vista a qualidade de que é feita, a sua dimensão, a impressão impecável das imagens. **GPELL-CEALE**

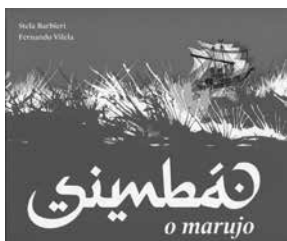
É o que podemos dizer: uma obra coletiva, feita a muitas mãos, doze dos mais destacados ilustradores brasileiros atuais, três autores, experientes na produção e mediação da literatura infantil e juvenil nos mais recentes tempos, e o sempre bem cuidado tratamento editorial da Cosac Naify.

A partir de entrevistas em seus ateliês, temos um panorama do que pensam os próprios autores de livros que obtiveram muitos prêmios, tanto em nível nacional quanto internacional, que contribuíram para delimitar um novo olhar para a produção literária brasileira. Falam de forma natural, informalmente, mas com profundidade sobre pontos de vista teóricos, temas conceituais, descrição dos processos de criação e esclarecimentos sobre algumas das ilustrações citadas. O livro é de uma produção editorial de qualidade. É muito salutar a continuidade e aprofundamento do estudo sobre a imagem nos livros, um recurso cada vez mais sofisticado na produção cultural internacional, que no Brasil tem merecido dos nossos autores de literatura e estudiosos uma atenção muito especial. **IMPC**

Publicação inédita no campo editorial do país, esse livro reúne diversos relatos, em primeira pessoa, de doze dos mais importantes ilustradores de livros infantojuvenis brasileiros. Foram mais de sete anos de trabalho. *Traço e prosa* é uma publicação original, inédita e valiosíssima para pesquisadores, professores, editores e ilustradores. Fruto de um trabalho realizado por Odilon Moraes, Maurício Paraguassu e Rona Hanning, que levou sete anos para ser concluído.

Trata-se de um panorama da ilustração brasileira. Artistas que, com suas produções artísticas, conseguiram “alterar o estatuto da imagem no contexto da literatura infantil brasileira”.

Esse rol de entrevistas traz ao leitor um clima de naturalidade, aconchego e acolhimento, embora tenha sido previamente planejado pelos entrevistadores. O leitor se envolve e se enriquece com os dizeres dos entrevistados. São aulas de leitura, literatura e arte! Um diálogo leve, autêntico, recheado de lembranças da infância, de desejos, paixões, retrospectivas e expectativas desses profissionais do desenho. A leitura desse álbum é uma grande aventura literária, cultural! Seria impossível citar trechos marcantes nos discursos de cada entrevistado, porém encerro com aplausos à obra, e nas palavras de Rui de Oliveira acreditando que “nenhum projeto de nação pode ser construído sem um projeto audiovisual.” **MTBF**



PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL
O MELHOR LIVRO RECONTO

Simbá, o marujo

Stela Barbieri. Il. Fernando Vilela. Cosac Naify.

Resultado de pesquisas e viagens da autora e do ilustrador para mergulhar na cultura árabe, *Simbá, o marujo* é um livro encantador, não apenas por nos recontar uma das histórias mais fascinantes da literatura, mas também pela beleza com que ela é apresentada. Arabescos, grafismos e traços que conferem movimento às ondas do mar (feitos com tinta soprada, como explica o ilustrador) misturaram-se ao enredo de aventura, em que personagens enfrentam-se em situações inusitadas. A adaptação, segundo a autora, foi feita com o cuidado de tentar preservar ao máximo as versões traduzidas diretamente do árabe.

A história do marujo que, durante sete noites, conta suas sete perigosas viagens, enfrentando monstros e tempestades, deixa o leitor em suspense. Após cada narrativa, ficamos aguardando a aventura seguinte, certos de que Simbá vencerá ao final. Fica o convite de Milton Hatoum, que escreveu a contracapa, para ler o texto em voz alta: assim, cada um de nós pode ser também um marujo em busca de novas aventuras. **LWS**

As aventuras de *Simbá, o marujo* em uma edição fruto do talento de uma contadora de histórias que teve o cuidado de reunir inúmeras versões para recontar a

clássica história, preservando o estilo da narrativa oral. O herói aparece em torno de suas peripécias, tendo o cenário ricamente oriental e seus arabescos. **MGMC**

Simbá, o marujo, é o famoso personagem de uma das narrativas árabes mais populares do clássico *As Mil e Uma Noites*. É retomado neste belo livro, recontado muito cuidadosamente por Stela Barbieri. O resultado foi um texto primoroso, no qual a qualidade da obra foi mantida de forma simples, sedutora e natural, própria dos grandes contadores de histórias. Ilustrado pelo conhecido e premiado Fernando Vilela, o projeto gráfico reuniu imagem e texto em uma verdadeira atmosfera de magia e aventuras. A narrativa fala da saga do herói Simbá, o marujo que deixa Bagdá após perder toda a fortuna deixada pelo pai e embarca em um navio para viver aventuras, comprando e vendendo mercadorias. São sete viagens, nas quais o protagonista depara-se com a sorte e também com dificuldades: desde aportar em uma aparente ilha, que na verdade era o dorso de uma grande baleia adormecida, que ao acordar movimenta-se e afunda o navio, até o enfrentamento com seres fantásticos, como pássaros gigantes, homens que pescam diamantes dentro da toca de cobras monstruosas, bandidos caçadores de elefantes, cavalos do mar, tempestades mortais etc. Em todas essas situações, o herói resiste e vence com astúcia e inteligência. Retorna a sua cidade, sempre mais rico, com diamantes e tesouros que adquire a cada conquista. A perseverança e resistência com que enfrenta as dificuldades, sempre pronto para o próximo desafio, é a grande marca desse herói, que não mede sacrifícios para cumprir o que o destino lhe reserva. Essa história foi contada pelo protagonista, Simbá, a um pobre carregador de fardo, seu homônimo, que estava a se queixar da injustiça do mundo diante do palácio do marujo, por haver tanta riqueza e ele sem nada. **IMPC**

Simbá, o marujo (ou *As aventuras de Simbá*) faz parte da coletânea de histórias orientais, persas e árabes que constituem *As Mil e uma Noites*. Histórias reveladas ao Ocidente em 1704 e que até hoje encantam ouvintes e leitores. São muitas as versões, tantos são os escritores que as recontaram e os ilustradores que as embelezaram ainda mais. E tantos foram os livros bem produzidos e belos projetos gráficos que continuam e continuarão a preservar esse patrimônio cultural da humanidade. Para reescrever *Simbá, o marujo*, Stela Barbieri leu mais de trinta versões diferentes. A escritora optou por se manter o mais próximo possível das versões traduzidas diretamente do árabe.

Assim, nas terras de Bagdá, Simbá, o carregador ouve as aventuras vividas por Simbá, o marujo, em suas viagens. Em uma delas, encontramos a luta da baleia, que é confundida com uma ilha pela tripulação do navio de Simbá ou a viagem

pelos ares do herói agarrado aos pés do pássaro Roca. Ou ainda a terrível noite passada entre serpentes e pedras preciosas no Vale dos Diamantes.

As ilustrações feitas com técnica de gravura em madeira e borracha, carregadas de elementos da linguagem visual dessas culturas, estão em perfeita harmonia com o texto e, com certeza, contribuem para levar o leitor nas viagens ao mundo árabe.

Por essas razões, *Simbá, o marujo* é merecedor do Prêmio FNLIJ- O Melhor Livro Reconto. **MB**

Para reescrever a história de *Simbá, o marujo*, Stela Barbieri e Fernando Vilela viajaram por terras da cultura árabe e persa. A pesquisa incluiu viagens para Istambul e cidades da Andaluzia, sul da Espanha, de forte influência árabe. As imagens do livro foram inspiradas nos elementos da linguagem visual dessas culturas.

A beleza do livro começa na capa, estendendo-se à contracapa e quarta capa. O predomínio do azul, simbolizando o mar, e os desenhos que lembram azulejos nos encaminham para os detalhes arquitetônicos da cultura árabe e estão presentes logo nesse contato inicial com o livro. Um azul profundo e brilhante nos leva a mergulhar no infinito do mar e no devaneio das águas.

O protagonista da história é Simbá, um destemido marujo que gostava de contar histórias sobre suas viagens cheias de peripécias. Simbá era um verdadeiro rapsodo. Em sete noites, ele contou sete viagens que realizou e os perigos que enfrentou pelos mares. Lutou contra todos os obstáculos e saiu vencedor. As narrações das viagens vêm precedidas de um prólogo que procura introduzir o leitor no mundo de Simbá, o carregador, e Simbá, o marujo. São duas pessoas com o mesmo nome e destinos diferentes. Simbá, o carregador, a convite do marujo, passa a ser um dos ouvintes de suas histórias.

Cada história contada é mais fantasiosa que a anterior; parece que estamos diante de Alexandre, o contador das “Histórias de Alexandre”, de Graciliano Ramos. **NMS**



PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA
LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica.

Ondjaki. Pallas

Em *A bicicleta que tinha bigodes* reencontramos algumas personagens do romance de Ondjaki, premiado pela Fundação nessa mesma categoria, *Avó Dezanove e o segredo do soviético*.

Seu narrador protagonista, um menino curioso e inventivo, dialoga com personagens que transitam entre um universo realista e fantástico, justamente porque são apresentados através da ótica infantil.

A dicção característica do autor angolano faz com que o leitor brasileiro se delicie com palavras e enunciados dotados de um acento característico e de significados que se dão a conhecer, daí a necessidade de um pequeno glossário ao fim da publicação.

O desfecho da narrativa surpreende, e a utilização da terceira capa e da orelha como um prolongamento do texto, sendo elas elementos pós-textuais, empresta originalidade à obra. Mais uma vez Ondjaki se revela um autor merecedor do prêmio dessa categoria. **PROALE**

Uma história muito viva, de intenso lirismo e delicadeza. Curto e sensível, o livro provoca desde o título inusitado até as soluções narrativas bastante audazes.

LPLB

Este é um livro para jovens, editado no Brasil pela Editora Pallas, a partir de uma obra editada antes pela Editora Caminho, com ilustração e projeto gráfico específico, dando ênfase a um autor jovem angolano premiado por suas obras. A narrativa vem trazendo sentimentos densos de um jovem menino, relativos à infância, à adolescência e às questões políticas de Angola, em contato com pessoas afetivamente importantes (tio, avó, meninos da mesma rua) e personagens de várias obras (Avó Dezanove, Cão Tinhoso, Isaura, menina que se emociona profundamente com a morte do Cão Tinhoso), em claro exercício de intertextualidade, declarado em forma de homenagem.

Nesse livro, o protagonista sugere que um escritor, seu amigo, escreva uma história para que ele, menino, possa se inscrever em um concurso da Rádio Nacional e ganhar uma bicicleta. Tendo se envolvido o escritor com o menino, em vez de escrever, o que aparece na terceira capa do livro é uma carta do menino ao Camarada Presidente, demonstrando todas as suas fragilidades, inclusive no campo da linguagem, de modo muito divertido. **GPELL-CEALE**

A narrativa do escritor angolano traz o sonho de uma criança em ganhar de presente uma bicicleta. Não é o sonho comum a todas as crianças de que aqui se fala, trata-se um sonho que se inicia quando o menino escuta no rádio notícias de um concurso nacional que doará a bicicleta para a criança que inventar a melhor estória.

Assim, iniciado o desejo de ganhar a bicicleta colorida com as cores da bandeira angolana, inicia-se a trajetória do menino escritor, que se torna um descobridor dos contos e dos causos de sua rua, amparado pelas figuras que ali

habitam — principalmente a figura do tio Rui e da Avó Dezanove. O olhar do menino volta-se então para o cotidiano carente em que está inserido, mas que é reinventado por ele por ser esse mesmo um manancial de histórias de raras e efetivas importâncias. A narrativa nos mostra que nem sempre o prêmio a ser conquistado é o mais importante, pois o desejo e a busca, na maior parte de nossas travessias e caminhos, revelam ser o bem mais valioso de toda conquista. *A bicicleta que tinha bigodes* é uma narrativa que nos traz as desenvolturas desse menino que busca justiça e igualdade em um mundo moderno, pleno de consumo e tiranias, mas ainda assim um mundo que tem gostos e descobertas, pequenos animais que nos são amigos, amigos que são essenciais para nos tornamos mais humanos. O valor da amizade e da solidariedade se faz presente nessa literatura angolana, contribuindo fortemente para a divulgação das línguas portuguesas de expressão africanas. **MNG**

Ondjaki, conhecido e premiado escritor angolano, tem na língua portuguesa o instrumento de sua essência literária. Sua criação ou recriação nos revela um humor sutil e refinado onde a escrita se torna um instrumento importante. Aparentemente, fala de sua terra natal, Angola, representação de um tempo universal, de suas transformações, e das experiências humanas. *A bicicleta que tinha bigodes* é uma hilariante história de meninos, que têm na amizade, afetividade e curiosidade, ingredientes característicos das antigas turmas de rua, de bairros, das cidades, a sua razão de ser. Um emocionante registro de memória de todos aqueles que viveram um tempo que passou. É a história de um sonho, de um menino que pretende ganhar uma bicicleta em um concurso de histórias promovido por uma rádio. O prêmio, que é uma bicicleta, seria para dividir com todas as crianças da cidade, o prazer de nela andar, sem pedir nada em troca, “nem gelados, nem xuínga (chiclete). Mais que um sonho, a ênfase da narrativa se dá na busca de realização desse sonho. Registre-se nesse espaço, a influência das famosas telenovelas brasileiras no cotidiano dessas pessoas, como Roque Santeiro, Cambalacho e outras.

Essa história acontece quando falta luz na cidade, e esse momento é mágico para aqueles que se reúnem para ouvir as histórias que cada um tem a contar. As marcas da oralidade angolana estão presentes em vários momentos da narrativa. Desse modo, encontra-se ao final do livro um glossário com o significado dessas palavras. Além de um postal manuscrito, encontrado nos arquivos da Radio Nacional, endereçado ao Presidente de Angola, onde consta não uma história, mas várias reivindicações dos meninos, assumidos na linguagem própria dos garotos em fase escolar. Naturalmente, não ganham o concurso. **IMPC**

A Rádio Nacional de Angola promove um concurso e oferece como grande prêmio uma bicicleta para a criança que escrever a melhor história. As crianças da rua se empenham para fazer a melhor delas e, para isso, pedem a ajuda do Tio Rui, escritor que mora por lá. Tio Rui tem um bigode imenso e dele caem letras e palavras que ele guarda em uma caixa. Assim, o leitor é tomado pela história contada por Ondjaki. Fluida, a narrativa é um convite para o retorno da imaginação de criança. Com requintes de narrativa fantástica, a história toma rumo que evoca a sensibilidade, a leveza e o cotidiano de uma criança angolana. O texto primoroso de Ondjaki ganha ainda a sensibilidade do projeto editorial, cuja organização coloca o leitor em contato com pequenas ilustrações que desdobram uma nova fase da história narrada.

É premiável, sim, porque é narrativa que coloca o leitor nesse lugar mágico, em um encontro entre realidade e ficção, onde o mágico não se sobrepõe ao real, mas estão juntos na criação de um texto poético. TP



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA

O gato e o diabo

James Joyce. Trad. Lygia Bojunga. Il. Lélis.
Cosac Naify

Inspirado em um conto popular francês, Joyce escreve para seu neto essa divertida história. O texto, em linguagem simples, na verdade era uma carta que sobreviveu intacta até nossos dias. Ele conta a história da construção de uma ponte, na cidade de Beaugency, às margens do rio Loire, na França. A construção proposta pelo diabo duraria apenas uma noite, em um pacto com o prefeito em troca de (...). E no final, o diabo é ludibriado!

Texto enriquecido pelas aquarelas de Lélis, ricas em detalhes, com personagens caricaturais. Edição em capa dura, papel couchê. Tradução de Lygia Bojunga. CDFR

Este livro reúne dois grandes mestres: o autor James Joyce e a tradutora Lygia Bojunga. O texto, resultado de uma carta escrita para seu neto em 1936, na época com quatro anos, narra a divertida história de um diabo interesseiro que constrói uma ponte na pequena cidade francesa de Beaugency, em uma barganha com o prefeito, em troca da alma do primeiro ao atravessá-la. As ilustrações são aquarelas do mineiro Lélis e traz a imagem de Joyce no próprio diabo. MGMC

Villers-sur-Mer, 10 de Agosto de 1936.

Desta cidade situada na França, em um exílio autoimposto, o grande escritor irlandês escreve uma carta para seu neto Stephen (o querido Stevie), então com quatro anos. James Joyce conta para o neto uma história, *O gato e o diabo*, inspirada em um conto popular francês. Tem gosto de lenda, de história ouvida de antepassados e fala da ponte construída sobre o rio mais largo da França em uma só noite.

James Joyce subverte valores morais, cria personagens invertendo os papéis mais comumente vistos, pois o diabo que ele criou, embora interesseiro, é ingênuo e inofensivo e chega a ser enganado por um gato. Os habitantes, junto com o Senhor Prefeito são mais espertos que ele.

A tradução de Lygia Bojunga nos dá a oportunidade de conhecer outro James Joyce: um escritor endiabrado, quase cômico, que em linguagem clara conta uma boa história para crianças.

As aquarelas de Lélis, onde se destaca o rosto do diabo, quase uma caricatura do autor, são puro deslumbramento.

Texto e ilustrações — pura obra de arte. Pura harmonia entre a arte da palavra e a arte plástica, sendo, por essa razão, indicado ao Prêmio FNLIJ- A Melhor Tradução/Adaptação para Criança. **MB**

James Joyce (1882-1941), escritor irlandês, expoente do romance moderno, é considerado um autor difícil, mas quando escrevia cartas para o neto Stephen, chamado pelo avô, carinhosamente de Stevie, usava uma linguagem simples e um vocabulário bem acessível às crianças. O livro *O gato e o diabo*, traduzido por Lygia Bojunga e ilustrado por Lélis, foi o resultado de uma dessas cartas do avô para o neto.

O nome completo de Lélis é Marcelo Eduardo Lélis e ele iniciou seus trabalhos como quadrinista. Para ilustrar esse livro, criou “um cenário quase cinematográfico”, e Joyce aparece de forma caricatural, simbolizando o diabo.

A história começa com James Joyce escrevendo uma carta para o neto Stevie, na época com quatro anos. A carta traz a data de 10 de agosto de 1936, Villiers-sur-Mer, cidade situada na Normandia (França). Nessa carta, o avô fala sobre um presente que enviou ao menino, um gatinho recheado de bombons. Em seguida, diz que talvez ele não conheça a história do gato de Beaugency e, como bom contador de histórias, passa a narrá-la para o menino. Nessa carta que escreveu ao neto, James Joyce conta como surgiu a ponte sobre o rio Loire, de acordo com uma lenda que circula na cidade.

As ilustrações de Lélis trazem um toque ridículo e caricaturesco, como o diabo travestido de James Joyce. O prefeito da cidade é satirizado no aspecto físico e na descrição psicológica.

Aliado a todos esses aspectos, está a edição bem cuidada, a boa tradução e as ilustrações que se aproximam do cômico. O escritor faz uma crítica aos governantes ambiciosos que pensam apenas em solucionar um problema de forma imediata e não sabem medir as conseqüências futuras. **NMS**

Trata-se de uma cuidadosa edição traduzida por Lygia Bojunga do conto-título de James Joyce, com quarta capa que situa o autor e sua obra para o leitor atual. A tradução literária e as ilustrações bem coloridas, que recuperam o contexto da história, colaboram para o alargamento cultural do leitor, em contato com uma obra importante do patrimônio universal do gênero. **VTA**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO

A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO INFORMATIVO

O muro: crescendo atrás da Cortina de Ferro

Peter Sís. Trad. Érico Assis. Il. Peter Sís. Companhia das Letrinhas

O muro: crescendo atrás da Cortina de Ferro convida os leitores a entenderem como é a vida sob um regime autoritário, onde até mesmo o corte de cabelo e as roupas são determinados pelo governo. Foi assim a infância e a juventude de Peter Sís, prêmio Hans Christian Andersen 2012 por seu trabalho como ilustrador, na Tchecoslováquia, durante a Guerra Fria. Além das obrigações oficiais, como o uso de bandeiras vermelhas em feriados nacionais, aulas de russo, doutrinação política, desfiles patrióticos e demonstrações públicas de lealdade, o autor relata a constante tensão de um sistema que obrigava as pessoas a se vigiarem e a se denunciarem em nome da manutenção de um sistema de governo e do “bem comum”. Relata ainda como a arte, especialmente a música e os desenhos, representaram uma abertura para a juventude, uma forma de questionar as verdades fabricadas por quem estava no poder. **FRF**

O muro, de Peter Sís, desvela a possibilidade descortinadora da vida que a arte nos traz. Um sonho de liberdade. A esperança. O desenho como porta de entrada (ou de saída?) de uma autobiografia carregada de experiências tão duras. Acompanhar o relato de um garoto que cresceu atrás da Cortina de Ferro é uma oportunidade ímpar de se transportar para um tempo e um espaço tão importante da história mundial. Por isso, merece o 1º prêmio. **IMCV**

Escrito e ilustrado por Peter Sís, ganhador do Prêmio Hans Christian Andersen em 2012, é uma biografia ilustrada que narra a vida de um garoto vivendo no lado oriental e comunista da Cortina de Ferro durante a Guerra Fria. Sensível e poético o autor narra com traço e memória, um período assustador da história da humanidade. **MGMC**

Este livro ricamente ilustrado é obra de Peter Sís. O autor conta com riqueza textual e imagética a infância sofrida, o cotidiano que “viveu” no lado oriental e comunista da Cortina de Ferro, durante a Guerra Fria. Sís nasceu artista, mas sua infância, desenhar, não era permitido. Privações, subordinações, repreensões, castigos, torturas etc. A alegria (de viver) chegou com atraso... A poesia, o sonho de SER LIVRE, Sís alcança, através da Arte. Esse livro confirma que “a arte é a maior expressão humana”. **MTBF**

Em tom memorialístico, do ponto de vista de uma criança, Peter Sís, conta sua história a partir de seu nascimento (1948) na Tchecoslováquia. “Desde que se lembra, ele amava desenhar” (p.7), e é desenhando que ele vai contando a história da Guerra Fria, do comunismo instaurado após a Segunda Guerra Mundial, da Cortina de Ferro que separou o mundo entre o capitalismo e o comunismo. Os recursos usados por Sís transformam suas memórias em pano de fundo para apresentar a quem quiser entrar nos meandros da Guerra Fria até a queda do muro de Berlim, sem o distanciamento que encontraria em um texto histórico; portanto, sem a possibilidade de colocar-se no lugar do outro, e isso a literatura permite. Viaja-se aqui pela história, pela geografia, pela política, pelos ideais comunistas e revolucionários, pelos sonhos de liberdade de um povo, através das mais variadas formas de linguagem verbal, imagética e de recursos de diagramação utilizados pelo “menino que cresceu atrás da Cortina de Ferro”, em um livro cujo projeto gráfico é dos mais inovadores e convidativos. **SSC**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO JOVEM

Os olhos do cão siberiano

Antonio Santa Ana. Trad. Antonieta Cunha. Il.
Rubem Filho. Dimensão.

Muito poucos são os autores latino-americanos traduzidos e publicados no Brasil. Assim, a edição dessa obra do escritor colombiano Antonio Santa Ana, com

tradução de Antonieta Cunha, revela-se um presente muito especial para os leitores brasileiros. *Os olhos do cão siberiano* trata de um tema delicado: o preconceito e a segregação sofridos pelos portadores de AIDS e o modo como isso repercute em suas vidas e na daqueles que os amam.

A obra nos desafia a enxergar, pelos olhos do narrador-protagonista, o que há de mais baixo e vil no ser humano, mas também o que nele há de mais sublime, dotando-o de uma incrível capacidade de superação. Esse prêmio revela a necessidade de contarmos com mais publicações de autores de língua castelhana em nosso mercado editorial voltado para crianças e jovens. **PROALE**

A temática é marcada pelo grande preconceito que as pessoas ainda possuem em relação a determinadas doenças, como a AIDS. O texto é de qualidade, escrito de forma simples e com personagens coerentes. A história de Antonio Santa Ana é forte, com momentos tristes, às vezes pesados, outras vezes revoltantes. Mas há também amor entre dois irmãos, que vai crescendo com a história e merece ser exaltado.

Trata-se da história de um casal com dois filhos — um pequeno e o maior, Ezequiel, que já adulto descobre ter AIDS. Os pais proíbem o filho menor de conviver com o irmão e este sai de casa para morar sozinho. O menino mais novo tem um amigo, Mariano, com quem troca todos os seus segredos. Um dia, vai visitar o irmão escondido dos pais para descobrir porque ele está fora de casa e porque não o deixam encontrá-lo. Ele se surpreende ao ver que sabia quase nada sobre o irmão: conhece Sasha, seu cão siberiano, e fica sabendo sobre a AIDS. O menino fica decidido a ajudar o irmão. Quando conta a situação para Mariano, perde sua amizade. Com isso, o garoto sente na pele o preconceito e a intolerância das pessoas contra o irmão. Em uma das visitas a Ezequiel, o garoto fica sabendo o motivo de o irmão gostar tanto do cão Sasha: são os únicos olhos que o olham da mesma maneira desde que ele ficou doente. Os outros olham com medo, com reprovação, com curiosidade, com pena etc. O menino dá amor a Ezequiel e este também ensina muita coisa ao menino, inclusive que “a vida não é mais que levantar a cabeça para ver o que se passa fora, ainda que haja tormenta”. Projeto gráfico simples e capa atraente. **GMM**

O autor é um jovem escritor argentino já conhecido no Brasil pelo livro *Nunca Serei um Super-Herói*. Com tradução de Antonieta Cunha, editora Dimensão, chega ao Brasil *Os olhos do cão siberiano*. É uma história ambientada em um bairro de classe média argentino, San Isidro, famoso por ter um dos melhores times de rúgbi do país e sobradões do princípio do século passado, rodeados de jardim. Uma família com dois irmãos, com idades distantes, pais reservados

e um drama que norteia a convivência entre eles. É uma história que trata da solidão do jovem contemporâneo. As emoções surdas das relações familiares, em um cenário em que a AIDS, doença que atravessou o século XX, demarca a vida desse núcleo familiar, aparentemente estabelecido. A narrativa é em primeira pessoa, em tom confessional, a linguagem é simples, objetiva. O narrador afastado do tempo e do espaço dos acontecimentos registra um passado marcado pelo preconceito, o medo, a intolerância e a morte. Pela arte, ele consegue resgatar o encontro consigo mesmo e a necessidade de seguir a vida. Relembra o irmão, sua ausência, mas uma lição:

Devo a Ezequiel ter-me ensinado que a vida não é mais que isto: levantar a cabeça. Para ver o que se passa fora, ainda que haja tormenta.

E uma Suíte de Bach **IMPC**

O título do livro é a metáfora que permeia as páginas dessa pungente história — a rejeição de um filho por ser portador de uma doença maldita. No meio de um clima de incompreensão, principalmente por parte do pai, Ezequiel confessa ao irmão que depois que adoeceu as pessoas olham para ele de maneira diferente. O olhar do pai era de raiva e vergonha, a mãe o olhava com medo e reprovação, a avó com pena e o irmão com curiosidade e mistério. O único que o olhava do mesmo jeito, os únicos olhos sinceros e verdadeiros eram o de seu cão – Sasha. Durante o decorrer da narrativa, há alusões à literatura (referências a escritores e livros) e à música (Clássica e popular). No dia do aniversário do irmão, Ezequiel o presenteia com um CD de Dire Straits (Brothers in Arms). Com relação ainda à música, depois que saiu de casa e foi morar sozinho em um apartamento, Ezequiel adquiriu um violoncelo com o objetivo de aprender a tocar Bach. Esse violoncelo, após a morte de Ezequiel, passa a pertencer ao irmão mais novo. **NMS**

AMOR FRATERNAL.

Uma história de desarmonia e preconceito na família, que resulta na separação entre dois irmãos. Um deles, o caçula de seis anos e o outro um rapaz que sai de casa, Ezequiel, sobre o qual não se fala mais nas conversas domésticas. A narrativa é um monólogo interior que começa no dia em que Ezequiel faria 31 anos, mas já estava morto há cinco. No fluxo de memória, a mágoa é revelada nas frustrações de uma infância cercada de ocultações. As palavras veladas dos pais, no casarão do Bairro de Santo Isidro, reduto da classe média abastada de Buenos Aires. As dores nos longos silêncios ao redor da mesa de refeições. Os ternos encontros furtivos, nos quais os irmãos se abraçam e passeavam acompanhados de Sasha, o cão siberiano, vivendo vidas tão diferentes, mas unidos

pelos laços de sangue. A solidão de Ezequiel e os preconceitos que sofre em função de uma doença fatal que o torna indigno de viver entre os seus.

“Uma das razões por que amo tanto esse cachorro são seus olhos. Desde que adoeci, as pessoas me olham de maneira diferente. Nos olhos de alguns vejo medo, em outros a intolerância. Os únicos olhos que me olham da mesma maneira... e me vejo como sou, são os olhos do meu cachorro. Os olhos de Sasha.” Antonio Santa Ana é um importante autor argentino que chegou ao jovem leitor brasileiro com sua narrativa que lança um olhar crítico sobre a vida moderna e as relações familiares. *Os olhos do cão siberiano* é o seu segundo título lançado no país. Uma belíssima tradução de Antonieta Cunha que preserva todas as características literárias da linguagem do autor. **IVG**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO

A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO RECONTO



Coleção: *A sagrada folha de bananeira: conto de esperteza do folclore indonésio; Mangas e bananas: conto de esperteza do folclore indonésio*

Nathan Kumar Scott. Trad. Sérgio Marinho. Il. Radhashyan Raut e T. Balaji. Edições SM

Os livros vencedores da categoria Tradução/adaptação Reconto, embora não façam parte de uma coleção da Edições SM, foram avaliados como tal por terem: primeiro, a mesma temática, contos de esperteza do folclore indonésio; segundo, por serem escritos pelo mesmo autor; terceiro, pelo projeto editorial semelhante, diferenciando somente os ilustradores. **FNLIJ**

A esperteza do cervo-rato (a nossa conhecida raposa) é registrada nessa fábula, *A sagrada folha de bananeira*, escrita por Nathan Kumar Scott e ilustrada por Radhashyan Raut. Distráido, o cervo-rato caiu num buraco no meio da floresta e se deu mal, pois não conseguia sair dele sozinho. Desesperado, ele grita por socorro. Sem sucesso, mas como sempre muito esperto, inventa uma mentira sobre a profecia da “Sagrada Folha de Bananeira”, folha essa que estava embrulhando sua refeição antes de ele cair no buraco. A profecia dizia que o mundo iria acabar e quem estivesse fora de um buraco iria morrer. Vários animais caem no conto do cervo-rato e também querem entrar no buraco que ele está. A princípio, o cervo-rato faz oposição à entrada deles, mas depois deixa que entrem. Porém, informa a todos que também está escrito na profecia que quem espirrar tem de sair do

buraco. Em determinado momento, alguém espirra dentro do buraco. Quem foi? É claro que ele se livra do buraco e, mais uma vez, seu plano dá certo.

Desta vez, o cervo-rato combina com seu amigo macaco de plantarem uma mangueira e uma bananeira para se alimentarem. As frutas nascem, mas como só o macaco sabe subir nas árvores, ele engana o cervo-rato e come todas as bananas sem lhe dar nenhuma. O esperto animal resolve, então, criar uma situação de conflito. No momento em que o macaco estava no alto da mangueira (já que todas as bananas tinham sido comidas), o cervo-rato começou a ofender o macaco com frases maldosas. Este, com raiva, começou a atirar as mangas no cervo-rato para que ele ficasse quieto. O cervo-rato pegou as mangas do chão e foi comê-las longe do macaco. Seu plano foi um sucesso mais uma vez.

As duas fábulas são escritas em linguagem simples e de forma divertida, agradando o público alvo. As ilustrações estão em todas as 29 páginas dos dois livros, são coloridas e muito belas. Radhashyan nos explica nas páginas finais que utilizou Patachita (pintura sobre tela) e T. Balaji nos mostra que suas ilustrações foram feitas com o kalamkari (caligrafia), estilo de arte têxtil indiana. Ambos os trabalhos são delicados e minuciosos. Os projetos gráficos dos dois livros apresentam capa dura e são bem cuidados. A coleção merece ser conhecida por muitos leitores. **GMM**

Os dois títulos que compõem a coleção Contos e Esperteza do folclore indonésio, *A sagrada folha da bananeira* e *Mangas e bananas*, de Nathan Kumar Scott, apresentam ao leitor brasileiro contos da tradição oral Indonésia; trazem à tona a cultura de outro povo, outras situações da oralidade que, no entanto, se aproximam de nossas tradições populares, tão próximas de fábulas recolhidas por Câmara Cascudo. As ilustrações dos dois títulos são belíssimas e as técnicas utilizadas para suas confecções são apresentadas. Os livros têm um projeto gráfico acolhedor e aprazível aos olhos e às mãos (com capas duras). **ED**

Nathan Kumar Scott lança dois contos de esperteza, do folclore indonésio — *A sagrada folha da bananeira* e *Mangas e bananas*. Nas duas histórias, o protagonista é Kanchil, um cervo-rato. *Em Mangas e bananas*, o astuto rato arma um jeito de passar a perna em seu amigo macaco, por ele tê-lo traído, enquanto no enredo de *A sagrada folha da bananeira*, Kanchil inventa uma profecia para ser libertado de um buraco pelos seus amigos. Dessa vez, ele conta com uma serpente, um tigre e um javali.

Além de o leitor se divertir com as histórias, vai conhecer um pouco sobre a técnica de arte Patachitra, que embelezou as páginas de *A sagrada folha da bananeira*, pelas mãos de Rahashyaqm Raut. A arte Kalamkari, originada da

Índia, ilustra ricamente as páginas de *Mangas e bananas*. Nas últimas páginas, o leitor encontra explicações sobre a história dos contos e das pinturas. Vale a pena conferir! **MTBF**

As duas fábulas divertidas e bem escritas mostram um dos sentimentos primórdios do ser humano. A esperteza. Observa-se uma velocidade de ações e de diálogos que marca um tempo literário presente nas histórias e nas ilustrações: O tempo do entretenimento, do pensamento e das ideias. O conjunto das duas obras: texto, desenhos, projeto gráfico e a tradução mantiveram a literariedade das narrativas. Por isso, merece o Prêmio FNLIJ. **RFL**

Esses contos de esperteza do folclore indonésio, semelhantes às fábulas europeias, tão nossas conhecidas, traduzem os valores sociais dessa cultura, que tem na figura do cervo-rato um de seus protagonistas mais famosos por ser ardiloso, demonstrando que a força do intelecto é capaz de superar a falta da força física. Kanchil, nome do pequeno cervo, com astúcia em ambos os contos, dribla os mais fortes e sai vitorioso, encantando crianças e adultos com suas artimanhas que, na Indonésia, são frequentemente encenadas como teatro de sombra, conforme informação dada pelo autor ao final dos livros. As ilustrações criadas pelo artista indiano Radhashyam Raut, no estilo Patachitra, enchem os olhos e a alma dos leitores, com suas cores fortes, suas criativas mandalas e exóticas paisagens. **SSC**

A história popular recontada para o público infantil mantém a estrutura tradicional, o que permite uma leitura agradável pelo domínio que o público tem desse modelo estrutural, reforçado pelos traços da fábula, que enfatiza a esperteza para vencer o mais capaz. Por outro lado, a atenção e a emoção são avivadas pelo humor que o texto suscita. Ler esse livro é, então, acompanhar situações de disputa, nas quais o mais esperto se dá bem. O projeto gráfico-editorial, com ilustrações muito expressivas e alegres, contribui para o resultado positivo da obra. **VTA**



PRÊMIO FNLIJ ESCRITOR (A) REVELAÇÃO

Curupira Pirapora

Tatiana Salem Levy. Il. Vera Tavares. Tinta-da-China Brasil.

Tatiana Levy, autora premiada, escreve seu primeiro livro de literatura para crianças: *Curupira Pirapora*. De forma lúdica, fala desse personagem do folclore

brasileiro e de seu encontro com uma menina da cidade, Janaína. Descreve a convivência e amizade dos dois no meio de muita aventura na floresta amazônica. Cada pessoa imagina o Curupira de um jeito, o de Tatiana é assim: *“quatro palmos de altura, os cabelos vermelhos como fogo, os pelos verdes como folha, os olhos amarelos como lanternas e os pés para trás”*.

O livro encanta o leitor pela criatividade e pela linguagem: a experiência da mata passa a emoção: *“o silêncio é o som das coisas que raramente ouvimos... o silêncio é a música da natureza”*. **CDFR**

O texto de Tatiana Salem Levy atualiza a lenda do curupira por meio de uma narrativa divertida e bordada de referências à cultura do Norte brasileiro, na qual farfalham detalhes da flora e festejam ruídos da fauna. Resultado de narrativas variadas e de um bocado de “minhoca da cabeça da própria autora”, como afirma Tatiana Levy, *Curupira Pirapora* apresenta um encontro inesperado: o de um menino de pelos verdes e de pés para trás com uma mameluca patricinha chamada Janaína. O encontro é completado pela presença de um caçador infeliz que, para se safar de um castigo por matar uma onça e seu filhote, deverá fazer o impossível: encher uma garrafa com leite da lua.

Ilustrado ludicamente por Vera Tavares, o texto de Levy revela uma autora atenta e ao mesmo tempo preocupada com a criatividade, a imaginação e a tradição literária e folclórica, fontes que enriquecem sua brincadeira de juntar, em uma linguagem despojada e poética, o cenário amazônico e personagens caros à cultura brasileira. **MNG**

Personagens culturalmente distintos — Curupira Pirapora e Janaína, uma menina da cidade, se encontram pela escrita de Tatiana Salem Levy.

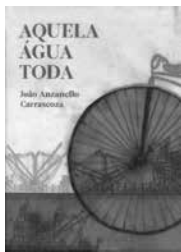
O conflito da narrativa surge com a chegada de um caçador, que precisaria subir à Lua para salvar sua vida, pois este Curupira não aceitava mais cachaça, só leite de Lua. O fantástico pedido é realizado e aparece o leite de Lua, gostoso ou horrível, dependendo de quem o provou. Mas chega a hora da despedida e *“outra palavra desconhecida ganhou sentido para ele: a palavra saudade”*. Conhecendo o sentido dessa palavra, conheceu também a alegria de não mais ser só. *“Agora que ele enfim entendia o significado da palavra “saudade” — nunca mais seria só”*.

Tatiana Salem Levy, filha de pais brasileiros, nasceu em Portugal e, antes de um ano de idade, veio parar no Rio de Janeiro. Vencedora do prêmio São Paulo de Literatura 2008, escreve sua primeira história para crianças. *Curupira Pirapora* é um texto alegre, ágil e engraçado. Entremeado de falas líricas. Essa aventura, acontecida às margens do Rio Negro, na Amazônia, mostra um mundo novo ao Curupira Pirapora, à Janaína — a mameluca maluca e também à escritora

Tatiana Salem Levy que inicia assim, brilhantemente, o desbravamento da grande floresta de escritas literárias para crianças e jovens. **MB**

Tatiana Salem Levy se revela uma excelente escritora, com o livro *Curupira Pirapora*, obra que seduz leitores de todas as idades pela simplicidade de sua linguagem. Com temática sobre a amizade de uma menina e o curupira, a autora nos brinda com uma emocionante história. **RFL**

É um relato muito bem contado e com novas nuances para o curupira, exatamente, porque segundo à autora, as diferentes descrições do curupira surgem por conta de um velho ditado: quem conta um conto, aumenta um ponto. “De tanto contar e recontar a história do curupira, as pessoas encontram muitas formas de descrevê-lo”, explica. Lembra ainda que “Todo curupira tem os pés pra trás, mas, às vezes, as pessoas esquecem uma característica e acabam inventando outras.” Seu texto é envolvente, creio que uma nova autora esteja se delineando. **MGMC**



PRÊMIO FNLIJ ILUSTRADOR (A) REVELAÇÃO

Leya Mira Brander

Aquela água toda. João Anzanello Carrascoza.
Cosac Naify.

As ilustrações de Leya Mira Brander aliam talento, capacidade imaginativa e delicadeza. Na publicação, a sobreposição das imagens em folhas de papel fino translúcido permite um curioso diálogo entre os diferentes elementos integrantes das cenas desenhadas. Além disso, a utilização desse tipo de papel na impressão das ilustrações resulta em um efeito visual que estabelece correspondência com o título da obra, *Aquela água toda*, criando-se uma bela metáfora verbo-visual. Que esse seja o primeiro de muitos outros trabalhos valorosos da artista para um público leitor que inclui crianças e jovens. **PROALE**

Aquela água toda é seu primeiro trabalho de ilustração em livro de ficção. A artista criou imagens impressas em papel vegetal proporcionando pela transparência a sensação de continuidade. **CDFR**

A artista plástica Leya Mira Brander tem sua estreia em ilustração de livros literários infantojuvenis cercada de muitos afagos: um texto excelente e uma cuidada produção gráfica. Lembranças me levam aos meus primeiros livros de

literatura encapados por mim com papel vegetal. Mira traz esse passado fazendo desse material uma característica de seu trabalho. Desenhos feitos em papel vegetal (e parte deles preenchidos com a sua respectiva contraforma em cobre) ilustram os contos de *Aquela água toda*, de João Anzanello Carrascoza, da Editora Cosac Naify.

Entre alguns capítulos, algumas ilustrações. Cada uma representa um objeto ou animal, mas justapostas buscam a unidade, a continuidade. Segundo Rui de Oliveira “in” *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis*: “A literatura, assim como a imagem, é um prisma, não um espelho”. As imagens de Leya Mira Brander não se propõem a narrar ou descrever os acontecidos de *Aquela água toda*; elas captam a essência dos contos. Seus desenhos-síntese ampliam o texto, como um prisma. **MB**

Com imagens que jogam com suas sombras, porque feitos em papel manteiga, as ilustrações dão duplicidade às ideias tratadas na obra, enriquecendo sobremaneira a proposta textual. O recurso de intercalar os contos dessa obra com apenas algumas páginas ilustradas chama para a leitura além do texto, dando ao mesmo tempo quebra entre um texto e outro. Além de o ilustrador ser inédito, o recurso usado por ele também é inovador. **ssc**

As ilustrações de Leya Mira Brander para *Aquela água toda*, de João Anzanello Carrascoza, delicadas imagens em papel vegetal, captam toda a leveza e fluidez do texto verbal. Na capa, sobrecapa e miolo, pessoas, objetos, animais e insetos, em preto e rosa, concedem força e beleza aos episódios narrados! **AAM**



PRÊMIO FNLIJ

A MELHOR ILUSTRAÇÃO – HORS-CONCOURS

Visita à baleia

Paulo Venturelli. Il. Nelson Cruz. Positivo

Como sempre, as ilustrações do Nelson Cruz são bárbaras. Nesse livro de Paulo Venturelli, *Visita à baleia*, o ilustrador trabalha com facilidade com os opostos, com o grande e o pequeno, o escuro e o claro. Ele abusa das ilustrações que dão amplitude na horizontal, utiliza a iluminação e foca apenas o que pretende nos mostrar. As ilustrações instigam a imaginação do leitor, que não se cansa de ficar tentando ver tudo e todos os detalhes que ele colocou. É claro que ele sempre deixa alguns para que nós coloquemos também. **GMM**

O premiado Nelson Cruz, brinda os leitores mais uma vez com a beleza de suas ilustrações. Nesse livro, *Visita à baleia*, o ilustrador trabalha os opostos com uma combinação de cores impecável, onde o domínio de técnica e conteúdo na elaboração das ilustrações fazem os personagens dialogarem o tempo todo com os leitores. O conjunto final da obra é um trabalho artístico repleto de possibilidades de leitura e imaginação. **RFL**



PRÊMIO FNLIJ
A MELHOR ILUSTRAÇÃO

Tom
André Neves. Projeto

Em *Tom*, o ilustrador André Neves, que é também o autor do texto, cria uma sintonia perfeita entre palavras e imagens. As ilustrações convidam o leitor à solidão e à liberdade de Tom, assim como à angústia da família, que tenta compreender e acolher o menino. As cores, os traços inconfundíveis do autor, fortes e delicados, não deixam o leitor sair do livro da mesma forma que entrou. Lindo. **FRF**

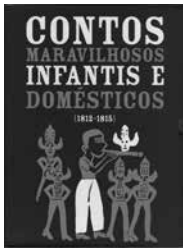
Um bem realizado projeto editorial acompanha as bonitas e criativas ilustrações do livro *Tom*, de André Neves (texto e ilustração). A capa do livro é a mesma que aparece no catálogo da Feira de Bolonha (FNLIJ-2012) — uma árvore e, dentro de seu tronco, um menino em posição de feto. As folhas das árvores estão representadas por pássaros. Na folha de rosto, aparece um galho de árvore com uma casa pousada em um ninho e esta dedicatória: “para Itamar”. Quem é Itamar? ...

Os olhares dos personagens — mãe, pai, avô, tia Léa e o gato Zeca — denotam perplexidade. São inquiridores, parece que todos desejam saber o que se passa na cabecinha de Tom. Nas últimas páginas do livro aparece um suplemento com alguns desenhos do ilustrador e explicações sobre o ato de criar. São palavras de André Neves: “Um livro não termina... Este suplemento é para mostrar a você um pouco do universo imaginário que existe dentro de mim. Um livro tem sempre mais do que cabe nele, são outras palavras, imagens, sons, que ficaram por fora.” [...]

Mas isso ainda diz pouco. Acompanhando o livro, vem um envelope preto contendo quatro convites, tipo cartões postais, para a exposição “O imaginário

ANDRÉ NEVES da paleta à letra” que se realizou no Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, no Centro Histórico de Porto Alegre, entre os dias 26 de setembro e 10 de outubro de 2012. **NMS**

- O reconhecido ilustrador André Neves, mais uma vez ilumina nossos olhos com imagens originalíssimas. Ao tratar de um tema delicado como é o autismo, consegue através do texto que imageticamente conta, transmitir beleza, suavidade e crença em melhores possibilidades para os, ditos, diferentes. O senão da obra de Neves está apenas em algumas vezes usar a palavra para explicar o que já está explicado: a sua narrativa visual consegue nos contar o que deve ser contado. Basta! Seus recursos, dos mais variados (radiografias, montagens, desenhos, páginas duplas), nos colocam dentro do enredo e empaticamente colados a Tom, o que obviamente garante sua razão de dizer o que diz através daquilo que tão bem sabe fazer: falar por imagens. **SSC**



PRÊMIO FNLIJ GLÓRIA PONDE
O MELHOR PROJETO EDITORIAL

Contos maravilhosos infantis e domésticos:
1812 – 1815

Jacob e Wilhelm Grimm. Trad. Christine Röhrig.
Il. J. Borges. Cosac Naify

- O projeto gráfico-editorial dos *Contos maravilhosos infantis e domésticos: 1812-1815*, de Jacob e Wilhelm Grimm, brinda os leitores com 156 narrativas em sua versão mais próxima da tradição oral, divididas em dois tomos em brochura, acondicionadas em luva de papel cartão azul, com elementos icônicos das ilustrações do gravurista pernambucano, J. Borges. No miolo, 43 imagens, criadas com técnica de xilogravura e marcadas por traços de humor, dialogam com o maravilhoso das narrativas. Complementam o projeto editorial da obra, a cuidadosa tradução de Christine Röhrig, o texto competente da Apresentação de Marcus Mazzari, bem como o valioso Prefácio à edição original de autoria dos Irmãos Grimm. **AAM**

Em uma proposta ousada, a Editora Cosac Naify faz homenagem à cultura popular mundial ao editar esses *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. No bicentário de publicação do primeiro volume dos contos recolhidos pelos irmãos Grimm, a editora aposta na contemporaneidade desses contos que já inspiraram análises, leituras e pesquisas nas mais diversas áreas. Essa é a primeira edição em português do texto completo dos dois primeiros volumes publicados

pelos irmãos Grimm no início do século XIX. Esses são, provavelmente, os textos que mais se aproximam das versões transmitidas oralmente através de gerações, histórias que condensavam, sem filtros nem censuras, tudo aquilo que é humano. O próprio texto dos Grimm foi se modificando através das diversas edições que se seguiram. A apresentação de Marcus Mazzari enriquece a obra, pois reforça o valor dos contos na atualidade. Christine Röhrig traz uma tradução impecável que preserva o sabor das histórias que se contavam ao redor do fogo, compartilhadas por grupos de indivíduos de todas as idades. Essas histórias, que em seu momento plasmaram a cultura oral do povo alemão, reverberaram em outra manifestação da cultura popular de outras partes — o cordel. A escolha do cordelista e xilogravador J. Borges para ilustrar esses contos reforça a ideia de que a cultura popular vibra e ainda tem muito a oferecer às sociedades atuais e vindouras. A edição dos *Contos maravilhosos infantis e domésticos* da Cosac Naify não poderia ser melhor indicador da importância e valor que eles mantêm na contemporaneidade. Valorizemos, portanto, a aposta que ela faz de celebrá-los e passá-los adiante. TP

A comemoração dos 200 anos da primeira edição da obra geralmente conhecida entre nós como *Contos de Grimm* dá-se em grande estilo nessa edição que apresenta uma nova e competente tradução das narrativas, realizada por Christine Röhrig; um prefácio que contextualiza com precisão a versão da obra que o leitor tem em mãos, elaborado por Marcus Mazzari, e o prefácio à edição original, de 1812, escrito por Jacob e Wilhelm Grimm. O projeto concebido para a obra teve, ainda, a feliz ideia de delegar ao famoso artista de cordel J. Borges, a elaboração das muitas ilustrações disseminadas ao longo dos dois volumes que compõem a obra, acondicionados em uma aconchegante caixinha de papelão. Vazadas no estilo consagrado das xilografias de Borges, as ilustrações foram impressas em cores, em folhas de papel Alta Alvura também coloridas, separadas por blocos, em um efeito festivo que convida enfaticamente à leitura. Por meio dessas ilustrações preciosas, a tradição oral brasileira é evocada e posta em rico diálogo com a tradição oral europeia, dando renovada vida a contos que são hoje importante patrimônio da humanidade. Ao todo, os dois volumes aglutinam 156 contos que, tanto em histórias mais conhecidas como “Rapunzel”, “João e Maria” ou “Cinderela”, quanto em narrativas menos famosas, mas igualmente fascinantes, como “Rumpelstilzchen”, “Serve-te, mesinha, burro de ouro e porrete dentro do saco” ou “Os seis cisnes”, têm muito a oferecer para os corações e mentes das novas gerações. JLC

MANTENEDORES DA FNLIJ

A Girafa Editora Ltda; Abacate Editorial Ltda; Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Edit. e Dist. Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Larousse do Brasil; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original Ltda; Editora Paz e Terra; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Shwarcz Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Cultural Casa de Lygia Bojunga Ltda; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Stampa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Instituto Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghettis Gráfica e Editora Ltda; Mundo Mirim; Noovha América Editora Distrib. de Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothke Artes Ltda; Publibook Livros Papeis S/A – L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovelte Edições e Comércio de Livros; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livreiros Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL; Texto Editores Ltda; Uni Duni Editora de Livros Ltda; Universo dos Livros Editora Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.



FNLIJ

DESDE 1968

**Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil**

Rua da Imprensa, 16 sl. 1212

cep: 20030-120

tel: 21 2262-9130

fax: 21 2240-6649

e-mail: informacao@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

A Biblioteca FNLIJ disponibiliza as informações de seu acervo de livros de literatura infantil e juvenil, publicados no Brasil, sendo permanentemente atualizada, com a produção brasileira de literatura para crianças e jovens, incluindo informativos e teóricos sobre literatura infantil e juvenil, leitura e áreas afins.

Atualmente a Biblioteca FNLIJ possui um dos maiores e mais importantes acervos de livros de literatura infantil e juvenil do país, com mais de 45 mil exemplares. As informações referentes a 25 mil títulos, estão disponíveis para consulta, por meio do sistema Pergamun, no site da instituição, através do link: <http://biblioteca.fnlij.org.br:81/pergamun/biblioteca/>

Biblioteca FNLIJ



CAIXA



Ministério da
Cultura

GOVERNOS DO BRASIL
BRASIL
PAÍS DA LEI E DA JUSTIÇA